

A TENSÃO IDENTITÁRIA ENTRE SERTANIDADE E BAIANIDADE

Cláudia Pereira Vasconcelos

RESUMO

O presente texto é parte da pesquisa *Ser-Tão Baiano: o lugar da sertanidade na configuração da Identidade Baiana*, que tratou de investigar como o discurso hegemônico da baianidade, se afirmou como única referência identitária para os baianos e não-baianos, e verificar os motivos da negação da presença de uma tradição rural/sertaneja na Bahia. Para compreender a construção da idéia de Sertão, a pesquisa parte de um estudo do contexto nacional, perpassando pela formulação da nordestinidade, para, finalmente, refletir sobre a baianidade e a sua relação com a sertanidade. O trabalho considera o corpus correspondente à obra de Jorge Amado como referência principal do texto conhecido como baianidade. Por sua vez, toma o trabalho de Eurico Alves como principal discurso de afirmação da sertanidade como possibilidade de inserção nas referências da Bahia.

Palavras-chave: Identidade, Cultura Baiana, Sertão.

ABSTRACT

The present text is part of a larger work on the identity of the semi-arid region of Bahia that investigated both the hegemonic discourse of Bahian identity that has defined the only reference identity for Bahians and non-Bahians and the motives for the negation of the rural tradition of Bahia. To understand the construction of the idea of the semi-arid region, the research begins with a study of the national context, connecting to the formulation of the Northeastern identity in order, finally, to reflect on the Bahian identity and its relation to the identity of the semi-arid region. The investigation considers the works of Jorge Amado as the principle reference for texts known as Bahian. Conversely, the work of Eurico Alves is taken as the principle discourse affirming the possibility of the identity of the semi-arid region taking part in the discussion of Bahia identity.

Key Words: Identity, Bahian culture, semi-arid region

1. Os Principais Inventores do Texto da Baianidade

Vários estudos realizados nos últimos anos, principalmente por intelectuais soteropolitanos, afirmam que a idéia de Bahia – a baianidade – foi construída através de uma estratégia imagético-discursiva que a colocou como algo à parte, *sui generis*, como bem diz o verso de Caymmi “A Bahia tem um jeito que nenhuma terra tem”. Aparecendo no imaginário nacional e internacional como sendo a terra da felicidade, um lugar diferente, místico e sensual, um caso à parte do Nordeste e, mais ainda, um caso à parte no Brasil. Uma imagem que de certa forma foi se organizando tanto de dentro para fora como de fora para dentro do Estado.

O que interessa precisamente analisar neste artigo é: como a Bahia, que se projeta como um espaço tão *singular*, reunindo referências culturais tão *plurais*, conseguiu afirmar

um texto identitário tão forte de forma a aparecer como hegemônico, consensual e aparentemente aproblemático? Esse discurso deixa de fora uma enorme gama de referências culturais oriundas dos diversos recantos do estado. Refiro-me aqui, especialmente, à extensa região do Semi-Árido, que se expressa através de outros elementos e artefatos culturais mais identificados com o Nordeste do que com a Bahia e já apresenta, por si só, referências culturais bastante diversas. Estes elementos por estarem diretamente vinculados à iconografia que se construiu da nordestinidade, parecem estorvar a paisagem grandiosa e feliz da Bahia, a ser consumida sem maiores problemas.

Por ser o “berço do Brasil” e sua capital durante mais de dois séculos, a Bahia jamais poderia se deixar ver meramente como mais um estado pobre que compõe a imagem do Nordeste/Sertão, (construída historicamente como um lugar simbólico da escassez) sendo necessário, então, forjar uma imagem que a protegesse do ostracismo que se encontrava principalmente entre o fim do século XIX e o início do século XX e que, além disso, garantisse a manutenção do antigo prestígio da elite local, gerando recursos financeiros para compensar a perda de poder econômico e político para o Sudeste.

As imagens da Bahia de Todos os Santos associadas principalmente à mestiçagem, à alegria, à religiosidade e ao exotismo marcadas pela herança africana, foram organizadas, sobretudo, em torno do vigoroso discurso literário de Jorge Amado, que se fez conhecido entre diversos públicos do mundo, assim como faz conhecida a Bahia desde os anos trinta, até os dias de hoje. A obra desse escritor, acompanhada de outras produções contemporâneas e posteriores, encontrou eco na construção do imaginário desta terra.

Antes mesmo desses inventores da formulação da identidade cultural baiana – ou baianidade – instituírem a singularidade do ser baiano, Gilberto Freyre, por exemplo, já havia lançado o seu olhar terno sobre esse território de *todos os santos e de quase todos os pecados*, tecendo uma rica narrativa sobre a Bahia, tanto no seu mais famoso livro, *Casa Grande & Senzala*, quanto em poemas e ensaios publicados em jornais de Pernambuco. Para Freyre, na Bahia estaria a matriz da civilização/cultura brasileira, o último e – como diz o próprio cientista social – *Deus queira invencível reduto* da tradição, de um Brasil patriarcal. E exalta as qualidades da *velha cozinha das Casas-grandes* (1995, p. xlv). Para ele a Bahia seria uma espécie de mãe da integração brasileira, “sociedade híbrida de culturas que se interpenetram, de antagonismos sociais e raças que se harmonizam” (1944). Esse lugar seria uma espécie de matriz da sua reconhecida teoria da miscigenação.

Essas assertivas serão superdimensionadas e amplamente disseminadas pela obra de Jorge Amado, de Dorival Caymmi e de tantos outros artistas e intelectuais responsáveis pela

permanência de diversos estereótipos referentes ao baiano e, especialmente, às baianas.

Como podemos ver, não é apenas de dentro da Baía de Todos os Santos que nascem os discursos, as imagens, os estereótipos sobre a Bahia. Além de Gilberto Freyre, inúmeros escritores, compositores e cantores emprestaram sua mão à construção desse texto identitário.

2. Jorge Amado como referência principal de construção da Bahia

A literatura e a música são campos privilegiados de contato com o imaginário. Criam espaços, re-configuram geografias, têm o poder de reconstituir a vida cotidiana. Aos efeitos deste texto, isto diz respeito especialmente ao trabalho de Jorge Amado que, por ser calcada numa idéia de verdade, ganhou praticamente a importância de um documento histórico para a Bahia.

Em toda a sua obra, Amado utiliza-se de um aparato considerado científico. Emprega termos e expressões das ciências sociais, da economia e da história e reproduz fielmente cenários de uma Bahia onde seus personagens vivenciam histórias escritas de forma tão encantadora que levam o leitor a se perguntar se tais personagens teriam de fato existido. A sua forma documental de fazer literatura, aliada a uma proposta e compromisso político de captar a identidade e a singularidade da Bahia e do Brasil através da fala, da cena e dos problemas do povo, fez de Jorge Amado um porta-voz reconhecido e consagrado da Bahia e lhe conferiu uma considerável credibilidade ao se proferir sobre a Bahia.

Jorge Amado dedicou a maior parte da sua produção às narrativas e personagens que povoam Salvador. Por ser o escritor brasileiro mais lido no Brasil e no exterior, seus romances podem ser considerados como um dos mais poderosos veículos de divulgação e criação de um imaginário, que se expandiu mundo afora, sobre a Bahia.

Em *Bahia de Todos os Santos: guia de ruas e mistérios*, escrito em 1945, o autor faz uma espécie de catálogo documental sobre a Bahia, relacionando histórias, pessoas, comidas e lugares. Como o próprio nome diz, é uma espécie de guia para quem quer conhecer a cidade, porém, com um formato que vai para muito além de um guia turístico. Além de se referir aos lugares e programas indispensáveis e à beleza natural da cidade, o guia traz uma extensa lista de importantes nomes e produções de artistas; pessoas queridas para ele e para a Bahia. A forma como o autor se refere a essas pessoas e à cidade desperta a curiosidade e seduz o leitor a querer conhecer de perto os mistérios e encantos da Bahia.

Além de enfatizar, em inúmeras passagens, o quanto essa cidade negra e portuguesa é singular e especial, única no mundo, onde tudo é belo e misterioso, Amado afirma que é a

cultura popular que humaniza a cidade. Coloca o povo baiano como o personagem principal que realiza e dá vida a esse cenário da felicidade. Descreve o baiano através da imagem-metáfora do mulato gordo, que é ao mesmo tempo “bom, amável, sensual, agudo de inteligência, bem falante, mas de fala mansa, festivo e cordial...” (1977, p. 20). Além de delinear os contornos do baiano a partir de tais atributos, o autor associa estas características ao traço de não ter pressa, de viver numa cidade que tem sua referência no passado, na tradição, e por isso mesmo nela poderá vivenciar mais plenamente a felicidade, pois a mesma não se deixa engolir pela “velocidade alucinante das cidades do Sul”.

No tópico chamado “Baiano é um estado de espírito”, o autor explica que ser baiano quer dizer quem tem o alto privilégio de nascer na Bahia, mas pode também significar:

...Um estado de espírito, certa concepção de vida, quase uma filosofia, determinada forma de humanismo. Eis porque homens e mulheres nascidos em outras plagas, por vezes em distantes plagas, se reconhecem baianos. (...) E como baianos são reconhecidos, pois de logo se pode distinguir o verdadeiro do falso. Aqui entre nós: tem gente que há vinte anos tenta obter seu passaporte de baiano e jamais consegue, pois não é fácil preencher as condições e como diz o moço Caymmi, nosso poeta, “quem não tem balangandãs não vai ao Bonfim”. (AMADO, 1984, p. 26)

Numa verdadeira exaltação ao ser baiano, Amado afirma que apesar de nem todos terem esse privilégio, alguns forasteiros podem alcançar essa dádiva ao partilhar dessa *concepção de vida*. Chama a atenção para o fato de que não basta ser nascido na Bahia, é preciso compartilhar dessa *filosofia* para ser um verdadeiro baiano, caso contrário, certamente o habitante desse estado que não seguir as regras do jogo identitário não obterá o seu *passaporte*, podendo ser facilmente reconhecido como um falso baiano.

Nos romances amadianos aparecem como personagens centrais figuras que desfrutam abundantemente desse suposto paraíso, mesmo sem que para isso sejam ricos ou mesmo tenham que “dar duro”. São personagens cuja referência quase nunca se associa ao trabalho. Através desses exemplos de vida boêmia e tranqüila é possível observar a capacidade de idealização do autor em relação à Cidade da Bahia.

O seu estilo conciliador e otimista de descrever a cultura baiana, acompanhada da forma idealizada com que seus amigos se referem à Bahia, acaba por alimentar a idéia de que pobreza e felicidade podem coexistir aqui em harmonia. A difusão e repetição deste tipo de narrativa gera a impressão de que o simples fato de habitar essa cidade seria uma condição de realização do ser.

A eficácia desse tipo de discurso estaria relacionada, segundo Bourdieu (2005), ao poder simbólico exercido através dos *enunciados performativos* de quem tem autoridade de

falar publicamente em nome de um coletivo e para um coletivo. Esses enunciados acabam incidindo sobre o real, já que delineiam representações de mundo que partem de uma verdade e se colam à realidade enunciada.

Além da abordagem de Jorge Amado é importante ressaltar que o texto da baianidade foi sustentado e instituído por todo um *suporte estético* construído por outras vozes notáveis da baianidade a exemplo, principalmente, do seu amigo e parceiro Dorival Caymmi, que parece ter estendido através da música essa idéia de Bahia. Fazem parte também desse conjunto, artistas contemporâneos dos mesmos, como o pintor Carybé e o fotógrafo Pierre Verger. Estes, como tantos outros estrangeiros inebriados pela magia da Cidade da Bahia, passaram a habitá-la e a se autoproclamar baianos.

Este trabalho não pretende advogar que esses textos, por si só, "inventaram" a idéia de Bahia tal qual nos é apresentada nos dias de hoje. Entretanto, foram reunidos elementos para afirmar que o conjunto desses discursos, que se complementam, pode ser considerado uma espécie de matriz simbólica para diversas outras representações que hoje se reproduzem.

A imagem da Bahia feliz, disseminada para baianos e não baianos, ganhou maior força e definiu melhor os seus contornos pela forma como a mesma foi sendo atualizada e reificada por artistas de gerações posteriores aos citados e, principalmente, pela concepção e implementação de uma política cultural de Estado que empreendeu, até o ano de 2006, de forma contundente uma prática voltada para o consumo cultural e turístico do chamado *Produto Bahia*, veiculado cotidianamente pela grande mídia. Essa lógica política conseguiu construir um texto unificador em torno da idéia de Bahia presente até os nossos dias, através de uma eficaz estratégia da positividade pela qual se recorta e evidencia aquilo que interessa na obra dos intérpretes e se esconde ou esquece o que não convém.

A opção por uma imagem oficial e hegemônica de uma Bahia em que todo o seu potencial cultural, as suas belezas e a capacidade de desenvolvimento se concentram em um só espaço, Salvador e seu Recôncavo, tem gerado o apagamento dos baianos do interior, especialmente, do Sertão, que não combinam com esse modelo de Bahia. Além de ocasionar o desconhecimento do território não litorâneo, fomentando o preconceito contra o interiorano – na acepção de sertanejo – esta prática centralizadora não ocasionou ao baiano do interior, em termos gerais, o acesso às políticas estaduais de cultura e, menos ainda, a visibilidade de suas ricas e diversificadas manifestações culturais.

Não é difícil verificar que os elementos que compõe o texto da baianidade, que se reveste em produto alegórico, só poderão ser encontrados no mar, no litoral, na capital e no seu Recôncavo – guardiões do seu passado glorioso e espaços associados ao belo, ao

imponente e ao mundo urbano – jamais no Sertão, lugar relacionado ao Brasil atrasado, distante, feio e triste, um território que parece ser desconhecido dos “baianos/soteropolitanos”, e mesmo inexistente no mapa festivo deste estado.

Em meio à histórica marginalidade do sertanejo, principalmente em relação ao texto identitário da Bahia, ainda nos anos cinquenta, surge um texto/discurso singular que pretende descortinar o Sertão baiano a partir da história das suas elites, objetivando fundar outras Bahias, para além da capital e seu entorno. Refiro-me à obra de Eurico Alves Boaventura, poeta baiano de Feira de Santana, que, a partir do seu enunciado em *Fidalgos e Vaqueiros*, vislumbrou desocultar a paisagem sertaneja no sentido de instituir uma identidade, legitimando um modo de ser. O que é mais interessante, aos efeitos desta pesquisa, é que tal identidade tem como alteridade a capital da Bahia e seu litoral/recôncavo.

3. A Beleza do Ser-Tão Baiano em Eurico Alves

Eurico Alves nasceu em 1909, em Feira de Santana, onde viveu até os quatorze anos. Mudou-se para a capital, onde estudou Direito e se envolveu com o grupo de poetas modernistas que transitava em torno da revista *Arco e Flexa* (1928-1929). Ao concluir o curso, Eurico retorna à sua terra natal, de onde adentra os Sertões baianos, habitando em diversas cidades do interior, na função de juiz de direito.

Devido à sua grande paixão por Feira de Santana e ao seu contato direto com as paisagens e o cotidiano do Sertão baiano, Eurico Alves dedica grande parte da sua vida a investigar e descrever, com muito entusiasmo, o estilo de vida rural na Bahia e no Brasil. Visando a explicitar os sentidos históricos da região de Feira de Santana e traçar um perfil social de uma geografia aparentemente natural, escreve a sua mais importante obra, *Fidalgos e Vaqueiros*. Nesse livro, institui o que chama de *civilização do pastoreio*, na qual o gado e o vaqueiro são os grandes personagens desta epopéia narrada com paixão e erudição.

Fidalgos e Vaqueiros, analisada aqui, também, como discurso produtor de realidade (Bourdieu, 2005), se situa no mesmo contexto em que os intelectuais tentam compreender e explicar os processos de transformações históricas da sociedade brasileira que se processam entre o final do século XIX e início do século XX.

Como diversas crônicas sociológicas da época, esse livro apresenta o resultado de uma vasta pesquisa sobre a vida no Sertão baiano, num misto de discurso literário e científico. Utiliza com sabedoria e originalidade variados conhecimentos sobre o Brasil e o Sertão, como a obra de intelectuais considerados clássicos no Brasil e no mundo. Toma também como material de pesquisa peculiaridades do cotidiano do vaqueiro, além de documentos históricos

como fotografias de fidalgos. A variedade de fontes trabalhadas, a vasta fundamentação teórica e a criação da tese de que o cerne da brasilidade está no Sertão baiano, faz desta obra um importante documento sócio-histórico, devendo figurar ao lado dos discursos inventores da idéia de Nação.

O autor traz visões e imagens de um Sertão já antes abordado por outros escritores. Não rompe radicalmente com as concepções dualistas entre Sertão e litoral, no qual o primeiro é idealizado como o que há de mais puro na brasilidade e, em contrapartida, considera o litoral inautêntico, local da futilidade e da indolência, inclusive no que se refere ao comportamento dos senhores de engenho. Considero que a grande novidade dessa obra está justamente na sua composição a partir de um olhar de dentro do Sertão. Ao contrário dos discursos sobre o Sertão, enunciados sempre por pensadores da cidade ou do litoral, que emitem suas impressões sobre o interior e a gente sertaneja, esta é uma fala que se define como sertaneja, ela inverte a ordem do discurso numa perspectiva do interior para o litoral. Além de trazer uma representação desta porção do Brasil carregada de positividade.

No plano geral, a obra trata da importância da cultura pastoril para a descoberta e civilização do Brasil. Para ele, a pecuária foi responsável pela expansão e unidade do território nacional e formação social do que chamou de “civilização do pastoreio”. A partir de frases como: “Foi o boi que provocou a descoberta do sertão” (p. 22), e “A música do aboio despertou o Brasil” (p. 15), Eurico afirma ter sido a aristocracia dos currais e principalmente os vaqueiros os responsáveis pela expansão e até mesmo pelo desenvolvimento econômico do país, além de colocar o gado como responsável pela interlocução entre o mar e o Sertão. Para o autor:

Foi o pastoreio a razão maior da penetração da terra sertaneja. Deu-lhe o gado a garatuja longa das estradas reais, tecendo fortemente a unidade nacional... (...) Teve fito civilizador a primitiva figura do boiadeiro baiano, indiscutivelmente. Esta, sim, foi a missão da pecuária. Não foi nunca dependente do engenho. Foi a sua proteção, o seu amparo (...) negá-lo é torcer os fatos, inverter a história. (p. 45 e 50).

Ao se contrapor aos discursos convencionalmente tomados como fundadores da nacionalidade brasileira, Eurico Alves busca instituir outras verdades sobre o Sertão. Para legitimar o Sertão e sua gente como elementos positivos da nação, elege o litoral e o urbano como “o outro” do sertanejo. É interessante perceber que, nas quase quinhentas páginas da obra, o autor constrói um dizer que explicitamente se apresenta contra o litoral.

Vejamos alguns fragmentos especialmente representativos: “sertão de fazendeiros fidalgos e auto-suficientes, que sabem aboiar e falam grosso...” (p. 57); habitado por

“vaqueiros orgulhosos, ousados e independentes” (p. 45). Em tudo, este Sertão contrasta o litoral e o Recôncavo baiano, que segundo ele seria “(...) o lugar dos gritos histéricos de feitores sádicos, da tristeza da escravidão na amargura do açúcar, da indolência, da preguiça e ociosidade do branco aristocrata que tinha aversão ao trabalho (p 56)”.

Para Alves, esta civilização pastoril é em tudo diferente do Recôncavo: “Uma outra vida, uma outra economia, uma outra cultura” (p 17). Menos em relação à riqueza, à vida fidalga nas casas-de-fazenda. Esta fidalguia, também denominada de *aristocracia dos currais*, construiu sua riqueza na alegria do trabalho em que “tomava para si todos os serviços da fazenda...”. Apesar de fidalgo, não sentia repúdio pelo trabalho, sobretudo áspero e belo do vaqueiro” (p. 103). Esta imagem idealizada da elite rural fica ainda mais evidente quando o autor, num jogo de aproximação de perfis do homem rural, confunde o leitor, misturando a figura do vaqueiro com a do fidalgo. Afirma que todo fazendeiro do Sertão da Bahia é vaqueiro e, se não é, já o foi. Além disso, coloca-os lado a lado, quando os caracteriza como auto-suficientes, independentes, corajosos e, acima de tudo, trabalhadores. A figura heróica do vaqueiro, que aparece nas frases seguintes, serve também para dar visibilidade à aristocracia rural: “Foi preciso que surgisse o vaqueiro para garantir a aventura da penetração horizonte a dentro”. (p. 44).

Com afirmações como estas: “É livre o vaqueiro, não o desmerece o senhor da casa-da-fazenda... Não o diminui” (p. 26), Eurico faz desaparecer a evidente diferença de posições sociais entre o fidalgo e o vaqueiro. Durante toda a obra, a afirmação do Sertão se dá pela estratégia comparativa.

O autor reivindica com veemência o esquecimento a que essa importante parte do Brasil ficou relegado. Afirma que “ainda não foi escrita a história das nossas fazendas de criar...” (p. 34). Denuncia indignado “O silêncio contra a história do pastoreio entre nós. As bibliotecas estão viúvas de informes a respeito da vida e da gente robusta que apascentou os nossos rebanhos de início até o nascer do século em marcha”. (p. 69).

Segundo Soares (2001), o discurso de Eurico Alves busca a verdade histórica da Bahia e do Sertão, procura inscrever positivamente o Sertão, seus vaqueiros e seus fidalgos no mapa simbólico da Bahia e do Brasil. Busca também o reconhecimento da sua história e dos seus, pela história oficial. Pretende desocultar o Sertão, tirar do esquecimento a realidade da civilização do pastoreio. Seu discurso poético e político pretende romper com o injustificado silêncio contra essa narrativa sobre a vida do Sertão baiano.

Este texto contrapõe autores que poderiam ser tomados como representantes de textos identitários distintos, a saber, da baianidade e da sertanidade. Não seria difícil demonstrar que

os dois textos guardam semelhanças e analogias formidáveis. Trata-se do enaltecimento de uma região. No caso de Jorge Amado, a cultura da baianidade e o esquecimento do Sertão. No caso de Eurico Alves, o elogio do Sertão em contraposição permanente ao litoral e ao urbano.

4. Referências Bibliográficas

AMADO, Jorge. *Bahia de todos os santos: guia de ruas e mistérios*. 27ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1977.

BOAVENTURA, Eurico Alves. *Fidalgos e Vaqueiros*. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1989.

BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. Rio de Janeiro. Ed. Bertrand Brasil, 2005.

FREYRE Gilberto. *Casa Grande & Senzala*. Recife: ed. Record, 1995.

MOURA, Milton. *Carnaval e Baianidade: arestas e curvas na coreografia das identidades no Carnaval de Salvador*. PPG em Comunicação e Cultura Contemporâneas. Tese de Doutorado. UFBA. Salvador, 2001.

RISÉRIO, Antônio. *Caymmi, uma utopia de lugar*. São Paulo: Perspectiva. 1993.

SOARES, Valter Guimarães. *Outros sertões: a Bahia de Eurico Alves*. Revista Sitientibus. Feira de Santana, Universidade Estadual de Feira de Santana, n. 24, jan./jun, p. 109-126, 2001.

ZANLORENZI, Elisete. *O Mito da preguiça baiana*. Programa de Pós Graduação em Antropologia Social. Tese de Doutorado. USP, São Paulo, 1998.